

O rock n roll na formação de professores de música: um relato de experiência

André Müller Reck

UNIPAMPA

andremreck@hotmail.com

Cibele Ambrozzi Correa

UNIPAMPA

ambrozzi.cibele@gmail.com

Julian Silva do Pinho

UNIPAMPA

pinhojulian@gmail.com

Resumo: O objetivo deste texto é relatar uma experiência musico-pedagógica realizada no curso de licenciatura em música da Universidade Federal do Pampa, a partir de um Componente Complementar de Graduação, ofertado durante o segundo semestre de 2016. O componente ofertado, chamado Tópicos Especiais em Música Popular III, teve como proposta um estudo sociológico, histórico e prático do rock n roll. Tal proposta teve como fundamento geral a compreensão de que o rock n roll é um fenômeno social complexo e que sua abordagem na formação dos professores de música pode oferecer um quadro instigante de possibilidades. O presente relato está organizado a partir da seguinte estrutura: 1) a compreensão do rock n roll como um fenômeno social e sua crescente inserção como objeto de análise no campo das ciências humanas, e em particular, na área da educação musical; 2) a contextualização das práticas desenvolvidas; 3) relatos de dois discentes do curso de música em questão, que participaram do componente e que produziram uma escrita sobre o processo; e 4) algumas considerações sobre as possibilidades de pensar o rock n roll enquanto experiência formativa no ensino superior em música.

Palavras-chave: ensino superior em música, formação de professores de música, sociologia da educação musical, rock n roll.

Introdução

O objetivo deste texto é relatar uma experiência musico-pedagógica realizada no curso de licenciatura em música da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), a partir de um Componente Complementar de Graduação. Durante o segundo semestre de 2016 foi ofertado

o componente Tópicos Especiais em Música Popular III, que teve como proposta um estudo sociológico, histórico e prático do rock n roll. Tal proposta teve como fundamento geral a compreensão de que o rock n roll é um fenômeno social complexo (FRIEDLANDER, 2002; CHACON, 1983; BERAS; FEIL, 2015) e que sua abordagem na formação dos professores de música pode oferecer um quadro instigante de possibilidades.

Tratar do rock n roll é, em primeiro lugar, tratar de uma dimensão simbólica que está presente no horizonte de significados de uma grande parcela de jovens e adultos. Em segundo lugar, essa relação com o rock é muitas vezes encarada como uma relação profunda na construção das identidades, pois envolve questões de pertencimento cultural e social. Essas duas observações colocam as considerações aqui apresentadas sob um enfoque da sociologia da educação musical (KRAEMER, 2000; SOUZA, 2013), pois partem do entendimento de que a música é uma produção humana e, portanto, uma prática socialmente construída, sempre contextualizada histórica e culturalmente. Assim, na experiência aqui relatada, subjaz uma proposta em educação musical pluralizada e atenta aos movimentos sociais e as práticas musicais que emergem nas fissuras do dia a dia: nas bandas de garagem, nos bares, na madrugada dos estúdios, nos festivais de rock, etc.

O presente relato está organizado a partir da seguinte estrutura: 1) a compreensão do rock n roll como um fenômeno social e sua crescente inserção como objeto de análise no campo das ciências humanas, e em particular, na área da educação musical (SOUZA et al, 2003; FRANÇA, 2012; SANTOS, 2011; SILVA, 2015); 2) a contextualização das práticas desenvolvidas durante o componente complementar de graduação Tópicos Especiais em Música Popular III, que teve o rock n roll como fonte de estudos teóricos e práticos; 3) relatos de dois discentes do curso de música em questão, que participaram do componente e que produziram uma escrita sobre o processo; e 4) algumas considerações sobre as possibilidades de pensar o rock n roll enquanto experiência formativa no ensino superior em música.

O Rock como fenômeno social

O rock n roll, enquanto gênero musical e prática sociocultural, surgiu entre as décadas de 1940-1950, embora suas raízes remontem ao início do século 20 e podem ser identificadas na música afro-americana como o blues, entoado pelos trabalhadores do sul e mais tarde nos centros urbanos do norte; e o gospel, oriundo das comunidades pentecostais. Também contribuíram o country e o folk, expressões musicais tradicionais norte-americanas. Mas a ascendência mais significativa sobre o rock n roll, é do Rhythm and Blues (R&B) que, ao fundir elementos do blues, do gospel e do jump band jazz, tornou-se a “maior fonte do rock n roll” (FRIEDLANDER, 2002, p.31). A partir daí, o rock entrou clandestinamente nas ondas das rádios britânicas e se reinventou, trazendo de volta para a América os quatro garotos de Liverpool que reescreveram as páginas da história cultural do século 20.

Assim, mesmo que um fenômeno característico do século passado e marcado por uma trajetória de marginalização e estereotipação, o rock n roll ainda hoje assume papel importante nas relações sociais, seja como prática cultural, econômica ou histórica, a ponto de que “para entender a sociedade de meados do século XX até os dias de hoje, é imprescindível compreender o fenômeno do rock and roll” (BERAS, 2013, p.1)

Isso implica em ver o rock, como nos provoca Chacon (1983), para muito além de uma “maldita música americana que ocupa espaços da MPB nas rádios ou que se distorce de uma tal maneira que os ouvidos parecem estourar” (p.5). Pelo contrário, o rock adquire um contexto político: “preste atenção na letra de *Street fighting man* e você vai descobrir que o roqueiro não é tão alienado quanto você pensa; lembre que o LP *Sandinista* talvez divulgue muito mais a causa nicaragüense do que todos os jornais alternativos juntos” (CHACON, 1983, p.6, grifos no original). Mais do que um estilo musical, o rock n roll é também um fenômeno social, e sua abordagem requer situá-lo nessas condições.

O rock não é, portanto, apenas um tipo especial de música, de compasso ou de ritmo. Restringi-lo a isso é não reconhecer sua profunda penetração numa parcela (cada vez mais) significativa das sociedades ocidentais. Talvez o músico possa ouvir estas palavras com estranheza, mas não o historiador engajado na compreensão da realidade presente através de suas raízes no passado (p.10)

A relação entre o rock e a sociedade é singular, de forma que os estudos de sociologia do rock apontam que “o rock tem relevância como objeto de estudo social, pois tem autonomia enquanto objeto de estudo, com características próprias e tempos próprios” (BERAS, 2013, p.1). Nesse sentido, o rock é sempre produzido por uma sociedade específica assim como produz elementos que agem na sua transformação, ou seja, é “um fenômeno estruturado e estruturante que configura uma atitude determinada e diferenciada dos indivíduos perante a sociedade” (idem).

A própria definição do que é rock n roll já pode, de início, ser colocada sob suspeita, evidenciando diferentes interpretações para seu uso. Alguns autores, por exemplo, empregam o termo rock n roll para designar, em sentido restrito, a música desenvolvida nos anos 50, e que tem suas principais características em artistas como Chuck Berry, Little Richards, Buddy Holly e Elvis Presley. Friedlander (2002), por sua vez, adota a compreensão de rock n roll evidenciando os termos pop/rock, e amplia o campo compreendendo nesse uso “as raízes líricas derivadas da era clássica do rock (rock) e seu status como mercadoria sobre pressão para se ajustar a indústria do disco (pop)” (p.12).

Ao mesmo tempo, o termo rock n roll não garante uma possibilidade de generalização e pode contemplar múltiplas expressões estéticas; assim “existem vários rocks, do mais harmonioso e melódico como o dos Beatles, passando pelo progressivo do Gênesis e do Yes até o mais pauleira do Deep Purple ou do Led Zeppelin” (CHACON, p.5). Filho (2010), por exemplo, considera o rock como um gênero musical do qual fazem partes outros subgêneros como: *mersey beats, surf music, folk rock, country rock, progressivo, hard rock, punk, heavy metal, new wave, hardcore, grunge, indie*, etc. Para o autor, esses subgêneros “são parte do todo, embora mantenham certa autonomia” (FILHO, 2010, p.42).

Ainda que pese a dificuldade em definir e conceituar o rock, o caso é que cada vez mais essa discussão tem tomado forma no debate acadêmico brasileiro. Se na década de 1980, Chacon reiterava da importância de debater sobre o tema, para que “talvez assim ele [o rock] conquiste um espaço acadêmico que a comunidade sempre lhe negou” (1983, p.7), esse espaço parece ser mais visível nos últimos anos. Note-se, por exemplo, o movimento em trabalhos e

publicações (MEDEIROS, 2008; FILHO, 2010; BERAS, 2013; BERAS; FEIL, 2015; TRINDADE; RANGEL, 2012), congressos¹ e cursos acadêmicos², que buscam tratar do tema.

O Rock na educação musical

Na literatura em educação musical, a inserção do rock na pauta de trabalhos também já pode ser registrada, embora ainda não pareça ser possível afirmar que exista uma linha de pesquisa ou campo de estudos mais aprofundados nessa temática. Conforme França (2012), o rock é um gênero musical de grande impacto sonoro, mas que “tem sido pouco aproveitado na educação musical” (p.71). Para contribuir com o debate, propomos uma breve revisão de publicações que, de uma forma ou de outra, tratam do rock n roll como uma possibilidade de pensar a educação musical.

Uma primeira aproximação com o tema pode ser apontado no estudo multi-casos de Souza et al (2003), que se ocupou das práticas de aprendizagem musical em três bandas de rock da cidade de Porto Alegre/RS. Conforme as autoras, os processos de aprendizagem musical desses sujeitos estão relacionados com suas vivências e experiências com o rock, e assumem aspectos de informalidade, autodidatismo, e coletividade. Para esses jovens a música é “praticamente um elemento indispensável no seu meio ambiente e um meio de comunicação fundamental” (p.70), e isso faz com que as aprendizagens em música estejam relacionadas diretamente com suas preferências musicais e a formação de determinadas práticas de escuta musical.

O trabalho monográfico de Santos (2011) assume o rock como uma proposta para o ensino de música a partir da produção de materiais didáticos. O autor argumenta que muitos músicos que tocam rock não têm conhecimentos teóricos em música, pois “não tiveram

¹ I e II Congresso Internacional de Estudos do Rock, realizados pela UNIOESTE-PR em 2013 e 2015, respectivamente.

² Alguns exemplos no contexto do Rio Grande do Sul: “Sociologia do Rock”, componente complementar de graduação ofertado na Universidade Federal do Pampa (Campus São Borja/RS); “História do Rock Brasileiro”, Disciplina Optativa do curso de História do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA); e curso de extensão “História do Rock”, promovido pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

oportunidade de estudar em uma escola especializada – e ou se tiveram, não se adaptaram a proposta de ensino das mesmas” (p.7), portanto sua proposta se fundamenta em partir do rock, para desenvolver uma apostila de teoria musical. Assim ao invés de “esperar que o aluno simplesmente assimile o conteúdo, o professor se utilizará do Rock com o propósito de facilitar a compreensão do aluno, servindo como uma “ponte” entre o conhecimento teórico e prático” (p.8).

Tal proposta leva em consideração a valorização do contexto cultural dos estudantes, no caso daqueles que tiveram essas vivências relacionadas ao rock, para desenvolver conteúdos da educação musical.

Do ponto de vista da educação musical, o Rock oferece uma gama de valores rítmicos, melódicos e além de que pode dependendo de onde e de que forma ele seja feito por uma determinada banda, trazer elementos musicais característicos de um determinado país ou região. Um exemplo que pode ser citado é o da banda brasileira Angra. Em seu disco “Hunters and Prey”, lançado em 2002, eles gravaram uma faixa chamada “Caça e caçador” onde eles inserem elementos da cultura musical brasileira, como o Baião (SANTOS, 2011, p.9-10)

Numa leitura mais aprofundada sobre o rock, França (2012) o descreve como um “símbolo e sintoma de uma época protagonizada por uma cultura jovem, urbana e rebelde”, e mais que um padrão sonoro, é uma leitura de mundo: “seu conteúdo, seja contestador ou alienado, intelectual ou sentimental, comunica significados e dita padrões de comportamento” (p.72), que por sua vez alimenta uma “poderosa indústria do entretenimento que gira cifras gigantescas vinculadas à mídia e à cultura de massa” (idem). A partir desse entendimento, a autora assume que “é possível contemporizar as possibilidades do rock e os recursos disponíveis nas escolas” (FRANÇA, 2012, p.74).

Sua proposta consiste em trabalhar com *riffs* de rock em projetos de educação musical para adolescentes, partindo de uma perspectiva de integração entre apreciação, performance e composição. Para a autora, ao trabalhar com *riffs* de guitarra é possível “conhecer, explorar, tocar e reinventar o rock na sala de aula” (p.75). Os *riffs* de guitarra sugeridos por França (2012), como possibilidades de trabalhar em aula, fazem parte do repertório clássico do rock n

roll: Layla (Eric Clapton); *Smoke and the Water* (Deep Purple), *Sweet Child O'Mine* (Guns N' Roses), *Hey Bulldog* (The Beatles); *Beat it* (Michael Jackson); e *Que País é esse?* (Legião Urbana).

Já Silva (2015), descreve sua experiência como oficinairo do programa Mais Educação, numa escola pública em Vitória/ES. O autor relata que montou uma banda com uma das turmas e ao questionar sobre o gosto musical dos participantes foram citadas bandas como AC/DC, Iron Maiden, Black Sabbath, Deep Purple, entre outras. Após essa “descoberta” o grupo escolheu uma lista de 6 músicas para desenvolver durante o projeto: *Fade to Black* (Metallica), *Paranoid* (Black Sabbath), *Smoke on the Water* (Deep Purple), *Knocking on Heaven's Door* (Guns'n Roses), *Highway to Hell* e *Back in Black* (AC/DC). Dessa forma o rock foi compreendido como uma ferramenta para “facilitar a interação entre o mundo formal da música e o aprendizado dos alunos, segundo cada cultura” (SILVA, 2015, p.9).

Essas pesquisas, se ainda não indicam uma representação significativa do ponto de vista quantitativo, ao menos nos informam que o rock já aparece como uma possibilidade de abordagem na educação musical. Seguindo essa argumentação, apresentamos nas próximas páginas o relato de uma experiência desenvolvida no curso de música da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), e que parte de uma proposta de compreender e anunciar o rock enquanto elemento significativo no processo formativo do professor de música.

Contextualizando as práticas

O curso de licenciatura em música da UNIPAMPA prevê a oferta de um componente curricular complementar (CH 30h/a) denominado “Tópicos Especiais em Música Popular III”, que contempla em sua ementa o “Estudo programado de assunto relevante em área específica da música popular”, com o objetivo de “proporcionar a ampliação do universo musical dos discentes através do estudo de conteúdos específicos da música popular”³. Tal componente é justamente um espaço para que diferentes tópicos referentes à música popular possam ser

³ Cf Projeto Pedagógico do Curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Pampa (2016).

tematizados e discutidos, de forma a contribuir na formação do licenciando em música. No segundo semestre de 2016, esse espaço curricular teve como temática o rock n roll, abordando seus aspectos históricos, estéticos e socioculturais. Dessa forma o componente foi organizado a partir de três momentos: 1) contextualização histórica e social do rock n roll; 2) apresentação de pesquisas sobre tópicos específicos do rock; 3) uma prática musical a partir dos tópicos estudados.

O primeiro momento tratou, portanto, de compreender as dinâmicas estéticas pelas quais o rock n roll vem sendo constituído no decorrer de sua historicidade. Tal tarefa foi fundamentada na abordagem proposta por Friedlander (2002), que assinala a seguinte sistematização: A origem do rock n roll e suas transformações a partir do blues, gospel, jazz, country e R&B; a popularização do rock americano na década de 50, lançando nomes como Bill Halley, Chuck Berry, Little Richards, Jerry Lee Lewis, Bud Holly e Elvis Presley; a Invasão Britânica, liderada pelos The Beatles e seguida de perto por Rolling Stones, The Animals, The Kinks e The Who; o Som de São Francisco, embalado pela contracultura e o movimento hippie, sintetizado por sonoridades como Grateful Dead, Jefferson Airplane e Janis Joplin; o movimento folk e sua interlocução com o rock n roll, que tem como principal expoente a figura de Bob Dylan; a transformação sonora dos anos 70 que produziu linhas como o heavy metal (em suas primeiras configurações com Led Zeppelin, Deep Purple e Black Sabbath), o rock progressivo (Yes, Emerson Lake e Palmer, Gênesis), e o movimento Punk, com suas revoluções estéticas e culturais. Por motivos de recortes metodológicos o componente não abordou as inúmeras transformações do rock nos anos 80 e 90.

O segundo momento privilegiou a pesquisa e apresentação de tópicos específicos do rock n roll, escolhidos a partir do interesse de cada discente. Sendo assim, foi possível verificar a multiplicidade de ângulos que o rock pode ser compreendido, seja na abordagem biográfica de figuras como Janis Joplin, Jim Morrison, Arnaldo Baptista e Sixto Rodrigues, como no estudo de movimentos como o Rock progressivo, a Jovem Guarda, e a geração de Woodstock. Após a apresentação de cada trabalho, as temáticas foram discutidas em grupo numa tentativa de entender os contextos sócios históricos em que emergiram e quais seus desdobramentos na estética cultural do rock n roll.

Já o terceiro momento foi reservado para a prática musical, numa tentativa de compreender o rock enquanto experiência sonora. Assim, a partir de um processo coletivo foram selecionadas 5 (cinco) músicas a fim de possibilitar tal experiência:

- 1) *Born to Be Wild*, da banda americana Steppenwolf e que se tornou símbolo de uma geração ao compor a trilha sonora do filme *Easy Rider*⁴ (1969);
- 2) *Piece of My Heart*, composta por Jordan Ragooy e Bert Berns e gravada originalmente por Erma Franklin em 1967, mas que ficou mais conhecida na versão do Big Brother and the Holding Company, de 1968, com Janis Joplin nos vocais;
- 3) *Money*, composta e gravada pela banda inglesa Pink Floyd e que faz parte do icônico álbum *The Dark Side of the Moon*, lançado em 1973.
- 4) *Balada do Louco*, parceria de Arnaldo Baptista e Rita Lee, lançada em 1972 pelos Mutantes no disco *Mutantes e Seus Cometas no País dos Baurets*.
- 5) *Imunização Racional (Que Beleza)*, clássico de Tim Maia que integra o vol. II do Lp *Tim Maia Racional* (1975), hoje em dia um dos mais cultuados discos da música brasileira.

No que pese a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, de sistematizar a prática musical do rock n roll a partir de um enfoque metodológico, cabe salientar que tais práticas foram orientadas por uma literatura em educação musical que procura compreender as dinâmicas características de cada cultura musical. No caso do rock, isso envolve as decisões coletivas acerca do repertório e sua releitura, o improviso, o ‘tirar de ouvido’, assim como outras características musicais que podem ser correlatas pelas descritas em Couto (2009) e que podem ser entendidas próximas àquilo que Green (2001) chama de práticas informais de aprendizagem.

Algumas características possíveis dessas práticas englobam aspectos como “a escolha do repertório – diretamente ligada a músicas de que muito se conhece e das quais se tenha grande afetividade –, e as práticas aurais como o copiar de ouvido músicas de gravações” (COUTO, 2009, p.92). Também se destaca o fato de “a aprendizagem acontecer em grupos, de maneira consciente ou inconsciente, através da interação com parentes, colegas e outros músicos que

⁴ No Brasil, conhecido como “Sem Destino”.

atuam sem a função formal de um professor”, e por fim, a “integração entre compor, tocar e ouvir com grande ênfase na criatividade” (COUTO, 2009, p.92). Nessa direção, Grossi (2009) e Narita (2016) descrevem em cinco princípios alguns aspectos das aprendizagens informais entre músicos populares: 1) Os estudantes escolhem a própria música, aquela que lhes é familiar, que gostam e fortemente se identificam; 2) a aprendizagem envolve tirar ‘de ouvido’ as gravações; 3) a aprendizagem se dá em grupo, aprendendo e ensinando uns com os outros; 4) a aprendizagem parte de um repertório “real” e não segue uma ordem pré-estabelecida; 5) existe uma profunda integração entre as modalidades de audição, performance e composição, enfatizando a criatividade.

Ao final do semestre foi organizada uma apresentação pública, junto a outros grupos musicais do referido curso, numa feira municipal. Nessa oportunidade foi possível vivenciar múltiplas experiências musicais que envolvem a prática do rock n roll, como sonorização, imprevistos, mudança de repertório, postura de palco, improviso, etc. Essas vivências cotidianas, compreendidas numa perspectiva sociológica da educação musical (SOUZA, 2013; LOURO; SOUZA, 2013), são processos de construção da prática/identidade musical e podem ser consideradas enquanto elementos significativos na formação do professor de música.

Relatos e reflexões

No sentido de pontuar algumas contribuições desse componente na formação dos licenciandos, sugerimos dois relatos escritos de discentes⁵ que participaram das atividades, a partir da seguinte questão: quais suas percepções pedagógico-musicais sobre o processo realizado?

Participar da cadeira do rock me fez refletir sobre o quanto o rock, como fenômeno social, impactou e moldou a cultura ocidental, como exemplo, ao entender o Woodstock, pude compreender os movimentos de contracultura

⁵ Os relatos foram produzidos voluntariamente por dois discentes, identificados a partir dos pseudônimos *Janis* e *Paul*, a fim de garantir o sigilo dos mesmos.

do final dos anos 60. Após a disciplina, passei a entender o quanto a música pode impactar culturalmente uma sociedade, entender a questão da música nas transformações sociais, e que o rock foi se transformando conforme a sociedade se transformava, e que essas transformações não são lineares, pois as coisas aconteciam concomitantemente e se cruzavam, se transformavam em uma terceira, e iam se modificando a partir de mais encontros (PAUL, relato escrito).

Ter experienciado as práticas musicais do componente complementar Tópicos Especiais em Música Popular III, que envolvia aspectos históricos e sociais sobre o Rock, me proporcionou vivenciar vários aprendizados relacionados aos contextos dos colegas envolvidos no grupo e sua bagagem de conhecimento acerca do gênero. Neste sentido, penso que tais experiências contribuíram em minha formação como professora de música, a partir do momento em que as atividades estudadas neste componente desenvolviam-se de forma colaborativa e com respeito mútuo entre o docente responsável pelo componente e os discentes. Este componente complementar teve continuidade no semestre 1/2017, e vários colegas envolvidos no semestre anterior, demonstraram interesse em seguir os estudos a respeito deste gênero, acredito que isto se deva pelas diversas reflexões críticas que tenham ocorrido neste sentido, além das próprias práticas que proporcionavam experiências múltiplas e plurais (JANIS, relato escrito).

A partir dos relatos acima descritos, podemos perceber algumas contribuições que a abordagem a respeito do rock pode proporcionar na formação dos discentes. O relato de Paul, por exemplo, traz reflexões acerca da trajetória do rock e suas transformações sociais, envolvendo análises de cunho sociológico e histórico. Essa possibilidade analítica vai ao encontro da argumentação de Kraemer (2000) de que a educação musical deve dialogar com outros campos das chamadas ciências humanas. Já o relato de Janis, nos informa que as práticas musicais desenvolvidas a partir do rock podem proporcionar processos de colaboração em grupo e aprendizagens coletivas a partir de diferentes interações e contextos musicais. Nesse sentido, conforme Reck (2011), as práticas musicais em conjunto, “oferecem diferentes possibilidades e estratégias de ensino e de aprendizagem musicais, que se estabelecem a partir das relações entre os integrantes do grupo” (p.118).

Considerações

O rock n roll, considerado como um fenômeno social, vem ganhando visibilidade no campo das ciências humanas, assim como na área da educação musical, conforme revisão de literatura aqui apresentada. Tal abertura nos convida a pensar sua abordagem no âmbito do ensino superior em música, direcionando a discussão para a formação de professores. Nesse sentido, os relatos apresentados anunciam que o rock, enquanto prática musical, pode vir a contribuir tanto para as perspectivas e reflexões sócio-históricas do educador musical, quanto para a interação e troca de conhecimentos entre os licenciandos, e seus respectivos contextos.

Importante salientar que tais práticas musicais, iniciadas durante o ano de 2016, tiveram continuidade no primeiro semestre de 2017, e devido à demanda dos discentes tem se anunciado como futuro projeto de ensino a ser desenvolvido no segundo semestre desse ano. Assim, esse estudo possibilita que novos olhares sejam provocados a respeito dessa temática, bem como outras pesquisas e metodologias de ensino que contribuam para a formação do professor de música, a partir das experiências vivenciadas no/com o rock n roll.

Referências

- BERAS, Cesar. Elementos iniciais para uma sociologia do rock: em busca de um conceito. In: I Congresso Internacional de Estudos do Rock, Cascavel/PR. *Anais...* Unioeste:Cascavel/PR, 2013, p.1-17
- BERAS, Cesar. FEIL, Gabriel Sausen (org.). *Sociologia do Rock*. Jundiaí:Paco Editorial, 2015.
- CHACON, Paulo. *O que é rock*. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1983.
- COUTO, Ana Carolina Nunes do. Música popular e aprendizagem: algumas considerações. *Opus*, Goiânia, v. 15, n. 2, dez. 2009, p. 89-104.
- FILHO, Irapuan Peixoto Lima. “Em tudo o que eu faço, eu procuro ser muito rock and roll”: Rock, estilo de vida e rebeldia em Fortaleza. Tese (Doutorado). Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- FRANÇA, Cecília Cavalieri. Riffs forever: o rock na sala de aula. *Música na Educação Básica*. Londrina, v.4, n.4, novembro de 2012
- FRIEDLANDER, Paul. *Rock and Roll – uma história social*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GREEN, Lucy. *How popular musicians learn*. Londres: Ashgate, 2001.
- GROSSI, Cristina. Aprendizagem informal da música popular na sala de aula: relato de um projeto piloto realizado com jovens de uma escola pública de ensino médio. In: XIX Congresso da ANPPOM, Curitiba/PR, 2009. *Anais...* DeArtesUFPR:Curitiba, 2009, p.22-25.
- KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. Trad. Jusamara Souza. *Revista Em Pauta* v.11, nº 16/17, abr/nov. p. 51-72. Porto Alegre, 2000
- LOURO, Ana Lúcia; SOUZA, Jusamara. (org.). *Educação musical, cotidiano e ensino superior*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2013 (Série Educação Musical e Cotidiano, v.2).
- MEDEIROS, Abda de Souza. *Cosmologias do rock em Fortaleza*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- NARITA, Flavio Motoyama . Em busca de uma educação musical libertadora: modos pedagógicos identificados em práticas baseadas na aprendizagem musical informal. *Revista da ABEM*, Londrina, v.23, n.35, p. 62-75, jul.dez 2016.
- RECK, André Müller. *Práticas musicais cotidianas na cultura gospel*:Um estudo de caso no

ministério de louvor Somos Igreja. Dissertação de Mestrado. CE/UFSM. Santa Maria, 2011.

SANTOS, Edmilson Lima. *O rock na educação musical: uma proposta para o ensino de música*. Monografia (graduação), Curso de licenciatura em música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

SILVA, Fabricio hofman da. Educação Musical através da prática de banda de rock: um relato de experiência. In: II Congresso Internacional de Estudos do Rock, Cascavel/PR. *Anais....* Unioeste:Cascavel/PR, 2015, p.1-10

SOUZA, Jusamara. Cotidiano, sociologia e educação musical: experiências no Ensino Superior de Musica. In: LOURO, Ana Lúcia; SOUZA, Jusamara. (org.). *Educação musical, cotidiano e ensino superior*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2013, v. 1, p. 11-29.

SOUZA, Jusamara. HENTSCHE, Liane. BOZZETTO, Adriana. CUNHA, Elisa. Praticas de aprendizagem musical em três bandas de rock. *Per Musi*. Belo Horizonte, v. 7, 2003 p.68-75

TRINDADE, Luane Nunes. RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. Rock: cultura política e movimentos sociais. *Disciplinarum Scientia*. Série: Ciências Humanas. Santa Maria, v.13,n 1, p.95-111, 2012